



Paulo Sandroni
FGV-EAESP
paulo.sandroni@fgv.br

Previsões: meteorológicas ou econômicas?

PREVISÕES ECONÔMICAS E METEOROLÓGICAS, NO PASSADO, TINHAM ALGO EM COMUM: AMBAS ERAM ALVO DE CHACOTAS OU ÁCIDAS IRONIAS, POIS RARAMENTE ACERTAVAM. DE UNS TEMPOS PARA CÁ, AS METEOROLÓGICAS MELHORARAM BASTANTE. AS ECONÔMICAS DEIXAM CADA VEZ MAIS A DESEJAR

Há uma diferença crucial entre os dois campos do conhecimento: as mutações na natureza – exceto as microbianas – são lentíssimas; na economia, ao contrário, podem ocorrer com a velocidade da luz, pois estão sujeitas a teclas de computador e alguma coisa que se poderia chamar de vontade. Especialmente a vontade de esconder e de ocultar. Ou de enganar.

Não é porque Kepler descobriu as leis do movimento dos planetas que o Criador teria exclamado: “Ah! Este espertinho matou a charada. Vamos agora colocar a Terra girando entre Marte e Júpiter!”.

Na economia, no entanto, onde ganhar ou perder depende em grande medida da arte de iludir, as previsões podem falhar e gerar grandes crises. As organizações esperam até o último minuto para revelar suas falcatruas. O que se pensava sólido transforma-se num pântano que devora as mais realistas ilusões.

Foi o que aconteceu em março de 2008 com o Bear Sterns, quinto maior conglomerado financeiro dos Estados Unidos, oferecido pelo JP Morgan por um pires de lentilhas com a bênção da Reserva Federal.

Robert Shiller, economista norte-americano, diz que, se o preço de um título financeiro incorporar toda a informação necessária, as oscilações de suas cotações serão mínimas. E as crises financeiras idem, idem. O problema reside em definir “toda a informação necessária”, pois ninguém sabe quais são seus limites. Além disso, é preciso avaliar se a informação é verdadeira ou não. Melhor, se não foi divulgada para enganar ou induzir o interlocutor a erro.

Dispositivos como a Lei Sarbanes-Oxley (voltada para coibir irregularidades ou fraudes contábeis) e instrumentos como o Balanced Score Card (destinados a produzir indicadores de desempenho mais consistentes) ajudam a dar mais transparência aos negócios, mas claramente são insuficientes.

Será que o trauma de uma nova crise internacional levará as autoridades monetárias, especialmente dos Estados Unidos, a começar a zelar pela qualidade dos títulos emitidos no mercado para coibir práticas de alavancagem financeira que, embora legais, como as hipotecas *subprime*, empurram o mundo para o limiar de um abismo? ✕